

## **RAÍZES DA DÚVIDA**

Danilo Marcondes

# **RAÍZES DA DÚVIDA**

Ceticismo e filosofia moderna

Copyright © 2019, Danilo Marcondes

Copyright desta edição © 2019:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo

ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Preparação: Kathia Ferreira

Revisão: Eduardo Monteiro, Tamara Sender

Capa: Estúdio Insólito

CIP-Brasil. Catalogação na publicação

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

M269r Marcondes, Danilo  
Raízes da dúvida: ceticismo e filosofia moderna/Danilo Marcondes. – 1.ed. –  
Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-378-1780-3

1. Filosofia moderna. 2. Ceticismo. I. Título.

18-49700

CDD: 190

CDU: 1(4/9)

---

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

*Para Maria Inês e Danilo*

## INTRODUÇÃO

A DÚVIDA TEM RAÍZES? No pensamento moderno ela se origina de um conjunto de reviravoltas nas crenças aparentemente mais sólidas. Tem raízes, portanto, porque depende de que aquilo em que acreditamos seja, por vários motivos, posto em questão. Ludwig Wittgenstein, em *Sobre a certeza*,\* diz que a dúvida pressupõe um horizonte de crenças e que por isso não pode ser um pensamento originário. Assim, a dúvida teria, inevitavelmente, raízes em crenças. Já a dúvida metódica, proposta por René Descartes nos primórdios da Modernidade, é a atitude, característica do filósofo de inspiração cética, de “duvidar de tudo”, só aceitando como verdadeiro o que resista a essa dúvida radical.<sup>1</sup>

Um dos objetivos centrais deste livro consiste precisamente em mostrar a diferença fundamental entre a filosofia cética antiga, em que a dúvida não tem essa importância, e o pensamento moderno, quando ela consiste na etapa preparatória para a filosofia crítica. É preciso esclarecer, portanto, até que ponto a dúvida moderna tem raízes no Ceticismo Antigo. O pano de fundo aqui será, pois, o confronto entre o Ceticismo Moderno, que herdamos até hoje e se caracteriza pela dúvida, e o Antigo, em que a noção central não é a dúvida, mas a *sképsis*, ou investigação, a *diaphonía*, ou conflito, e a *époche*, ou suspensão do juízo.

A fim de analisar as raízes da dúvida nesses dois contextos, apontarei as características definidoras do pensamento cético antigo, suas várias vertentes, seu desenvolvimento e posterior crise, chegando à sua quase extinção no contexto do Helenismo e da Antiguidade tardia. Em seguida,

---

\* Ver L. Wittgenstein, *On Certainty*, §§24, 160 e 519. Destaco ainda o §115: “Se tentássemos duvidar de tudo, não chegaríamos a duvidar de nada. O próprio jogo da dúvida pressupõe certeza.”

discutirei os fatores que levaram à sua retomada na Modernidade e à sua consequente transformação, dando origem ao Ceticismo Moderno, o qual, se guarda alguma relação com o Ceticismo Antigo, é ao mesmo tempo profundamente diferente.

A Modernidade é um período histórico marcado pela introdução de novas questões e de novas formas de pensar. Mesmo que essa ruptura radical com a tradição tenha sido questionada em vários aspectos – por exemplo, pelos chamados continuístas, como A.C. Crombie, que defende, em *Medieval and Early Modern Science*, as origens medievais da Ciência Moderna, e por historiadores da filosofia como Étienne Gilson, que destaca a influência escolástica em Descartes –, ainda assim a originalidade do pensamento moderno em relação ao que o antecedeu é evidente em vários sentidos, conforme veremos.

A história da retomada do Ceticismo Antigo na formação do pensamento moderno tem sido analisada em obras que revolucionaram a interpretação desse momento crucial da Modernidade, revelando não ser possível compreender o período sem levar em conta essa influência. Notadamente, Richard H. Popkin, em sua *História do Ceticismo de Erasmo a Spinoza*, Charles B. Schmitt, em *Cicero Scepticus*, e, mais recentemente, Luciano Floridi, em *Sextus Empiricus: the Transmission and Recovery of Pyrrhonism*, detalharam como o Humanismo Renascentista, a Reforma Protestante e a Revolução Científica transformaram o mundo de meados do século XV até o século XVII. Tal transformação fez com que os pensadores da época se defrontassem com questões que lhes pareceram análogas, sob muitos aspectos, às discutidas pelos cétricos do Helenismo.

Assim, problemas enfrentados no passado ressurgiram com novas características e em outro contexto, ao lado da retomada do interesse por obras que veicularam a filosofia cétrica antiga, como as de Cícero, Sexto Empírico e Diógenes Laércio, traduzidas e publicadas no Renascimento. A difusão dos textos desses autores contribuiu de forma decisiva para pro-

duzir uma versão nova de Ceticismo, e foi nesse ambiente que a noção moderna de dúvida acabou sendo formulada.

Ainda dentro da análise desse período, dedico um capítulo inteiro (Cap.4) a uma questão que, em meu entendimento, tem sido inexplicavelmente negligenciada pela filosofia, embora não pela antropologia nem pela história: em que medida o descobrimento do Novo Mundo e a imensa literatura gerada a partir daí podem ser considerados decisivos para a formação do pensamento filosófico moderno? À primeira vista parece surpreendente que a história da filosofia, particularmente no contexto contemporâneo, não tenha atribuído nenhum significado especial à descoberta do Novo Mundo nem tenha se preocupado em interpretá-lo como parte da formação e do desenvolvimento da Modernidade.

Os historiadores nos ensinam que o passado muda conforme o presente, pois revemos constantemente os acontecimentos e suas evidências segundo nossos diferentes pontos de vista e interesses. Nesse sentido, a interpretação que fazemos hoje da série de eventos denominada “descobrimento do Novo Mundo” é radicalmente diferente da percepção dos cronistas do século XVI e dos historiadores do século XVIII, como William Robertson e o abade Raynal, ou do século XIX, como William Prescott, cada qual com sua visão a partir dos problemas de seu tempo.<sup>2</sup>

Mais especificamente me interessa discutir a interpretação inovadora do pensamento moderno desenvolvida por historiadores do Ceticismo, como os citados Richard H. Popkin e Charles B. Schmitt, que assinalaram a forte influência nesse processo da retomada do Ceticismo Antigo durante o Renascimento, sobretudo no século XVI. Mostrarei como, além da Reforma Protestante (1517) e da Revolução Científica (1543), de fato o descobrimento do Novo Mundo representou um terceiro fator fundamental na formação do pensamento moderno, aprofundando a ruptura com a tradição – especialmente com o ambiente medieval, mas também com a concepção de mundo antiga, o que pode ser interpretado como “a crise cética” do início do pensamento moderno. Na verdade, de um ponto de vista cronológico,

o descobrimento do Novo Mundo, em 12 de outubro de 1492, antecipou os dois outros fatores. Em um sentido conceitual, pertence ao mesmo contexto de discussão e, de certa forma, o inaugura.

Trata-se, portanto, de um fator histórico importante na constituição do solo em que o Ceticismo Antigo foi retomado, levantando questões que seriam discutidas por um pensamento fortemente influenciado por ele. Contudo, já haveria um conhecimento prévio de tais ideias pelos renascentistas, ao menos a partir de algumas fontes cétricas da Antiguidade grega, o que certamente colaborou para a formação da mentalidade de muitos dos que escreveram sobre o Novo Mundo e interpretaram o significado dos descobrimentos em relação à tradição clássica e ao mundo europeu. É o caso dos navegadores Cristóvão Colombo e Américo Vespúcio e do cronista Pedro Mártir de Anglería, significativamente pertencentes ao período do Renascimento.

Pode-se dizer que, até certo ponto, o pensamento moderno foi influenciado por um primeiro momento da retomada do Ceticismo Antigo, principalmente em Florença. Em seguida, as grandes transformações pelas quais o mundo europeu passava deram uma nova dimensão à leitura dos cétricos antigos, reforçando e ampliando o interesse por essa discussão. Houve, pois, um segundo momento da retomada do Ceticismo Antigo que recebeu um novo sentido quando visto em relação a essas transformações.

Entre os questionamentos cétricos que serão aqui abordados no contexto do século XVI – inicialmente do ponto de vista religioso, com a Reforma Protestante, e em seguida, numa linha epistemológica, com a Revolução Científica – veremos que o descobrimento do Novo Mundo trouxe uma questão nova. A saber, a questão sobre a natureza humana, que o contato com os povos do continente recém-descoberto pelos europeus alçou para o primeiro plano, colocando em debate um dos conceitos mais importantes da tradição filosófica grega, herdado e adotado pelo Cristianismo: a universalidade da natureza humana.

À importância desse aspecto específico da descoberta do Novo Mundo pelos europeus para a discussão cética no início do pensamento moderno



dou o nome de argumento antropológico. Isso significa que a questão sobre a natureza humana demandou a formulação de um novo argumento cético sobre se haveria de fato uma natureza humana universal. Questão essa, por sua vez, com raízes já na Antiguidade, nos tropos (ou modos) de Enesidemo, principalmente o 2º, sobre a diversidade da natureza humana, e o 10º, o chamado “tropo moral” (ver Cap.2).

Porém, como dito, a correlação entre o descobrimento do Novo Mundo e a retomada do Ceticismo raramente tem sido feita, mesmo pelos historiadores, e é quase totalmente ausente da consideração dos filósofos. Embora Michel de Montaigne, por exemplo, seja reconhecido como um dos mais originais pensadores céticos do período moderno, os especialistas em sua obra não têm feito essa conexão entre o Ceticismo, que pode ser considerado o pano de fundo do pensamento de Montaigne, e o Novo Mundo. Este é uma referência importante em sua obra, para além até mesmo dos dois textos mais diretamente consagrados ao tema: “Os canibais” e “Os coches”, ambos em *Ensaaios* (I, 31 e III, 6).\*

Esse quadro da retomada do Ceticismo Antigo é característico do século XVI. No século XVII a retomada seria diferente do ponto de vista filosófico. Descartes, Pierre Gassendi, Baruch Spinoza, Blaise Pascal... toda uma série de filósofos que não hesitaríamos em situar entre os mais importantes de sua época e de toda a tradição filosófica praticamente nada tiveram a dizer sobre as questões referentes à natureza humana suscitadas pelo contato com os povos do Novo Mundo. Por que o silêncio? Em uma perspectiva histórica, proponho que para compreender a especificidade do século XVI é necessário entender o século XVII e suas questões-chave, como a prioridade do problema epistemológico ou, pelo menos, a maneira como nossa tradição em história da filosofia e das ideias em geral o interpretou.

---

\* Ver, por exemplo, “Montaigne et le Nouveau Monde”, em *Montaigne Studies*, em que, apesar da alta qualidade dos textos reunidos, essa correlação entre Ceticismo e Novo Mundo simplesmente não é feita.

Este livro visa mostrar ainda como o descobrimento do Novo Mundo antecipou a Revolução Científica, podendo, quem sabe?, ser considerado seu acontecimento inaugural. Da mesma maneira, a discussão religiosa, motivada pela possibilidade de evangelização e conversão dos povos nativos ao Cristianismo, suscitou várias controvérsias sobre a natureza humana, a salvação e a graça. A possibilidade de conversão dos nativos do Novo Mundo seria discutida no Concílio de Trento, quando se formularam as linhas políticas da Contrarreforma. Além disso, projetos como o da França Antártica no Brasil revelaram a idealização do Novo Mundo como utopia de convivência harmoniosa entre católicos e protestantes, o que indicaria a relação direta que procurarei explorar entre o Novo Mundo e os dois outros fatores centrais que levaram à Modernidade.

Até que ponto e em que sentido o descobrimento do Novo Mundo desmoronou as crenças estabelecidas, abrindo caminho para uma discussão que passou a recorrer a estratégias e argumentos céticos? Até que ponto a questão da universalidade da natureza humana foi central nesse debate, motivado pelo descobrimento de vários povos e sociedades até então desconhecidos do europeu? Por outro lado, até que ponto a tradição se encontra ainda presente desde o pensamento grego, fornecendo crenças e categorias pelas quais as primeiras narrativas sobre o Novo Mundo buscaram interpretar essa nova realidade? Isso se deu no caso da natureza humana principalmente pelo uso das categorias “bárbaro” ou “povos bárbaros”, em referência àqueles que se encontravam fora de uma determinada tradição de pensamento e de cultura.

O século XVI enfrentou o desafio de *pensar o novo* recorrendo a categorias tradicionais, questionando-as por verificá-las insuficientes e tentando formular outras. O século XVII, ao menos no campo da filosofia e por meio de alguns de seus maiores representantes, tentou recompor o elo com a tradição, propondo reinterpretá-la e atualizá-la. O Ceticismo nos interessa notadamente por ser, desde a Antiguidade, a principal corrente de pensamento filosófico a colocar em questão a própria filosofia. Nesse

sentido, foi desde o início dessa tradição o precursor, a primeira versão do pensamento crítico, que, em grande parte, define a filosofia moderna.

A retomada do Ceticismo Antigo no século XVI, então, representou uma das molas propulsoras da formação do pensamento moderno, conforme concluíram de modo pioneiro historiadores da filosofia como Richard H. Popkin e Charles B. Schmitt. Os diferentes ângulos desse processo de retomada estão sendo explorados e debatidos com controvérsias. Pretendo aqui, seguindo a trilha indicada por Popkin e Schmitt, analisar alguns dos aspectos menos examinados sobre o tema.

Já no Renascimento, entre os séculos XV e XVI, a filosofia mudou radicalmente e deu origem a um novo discurso e a novas questões. Talvez ela tenha mudado porque o mundo mudou de forma profunda. O mundo muda primeiro e a filosofia responde a essas mudanças, interpretando-as, extraindo suas consequências. O mundo não mudou por influência direta da filosofia. Todavia, ao longo do tempo e de um determinado ponto de vista histórico, podemos até ter essa impressão, porque a filosofia busca dar sentido a tais mudanças.

O que significa, na perspectiva da história da filosofia e, em um sentido mais amplo, da história das ideias, a retomada de uma corrente filosófica em outro contexto? De que maneira e até que ponto tal corrente adquire um novo significado e o que traz de relevante para esse novo momento que não é mais o seu? Que lição nos ensina hoje a filosofia cética e em que medida podemos, nós também, filósofos contemporâneos, retomá-la de modo produtivo?

A controvérsia sobre a interpretação da Modernidade tem sido marcante em nosso contexto. Se hoje nos consideramos herdeiros do pensamento moderno e se seu projeto ainda faz sentido para nós, ou se a Modernidade se encontra superada e vivemos um novo contexto, o da pós-Modernidade – seja como for, em continuidade ou em descontinuidade, o pensamento moderno permanece sendo uma referência central e inevitável para a compreensão de nosso presente.<sup>3</sup>

Nossa discussão se desenvolverá em torno de dois eixos fundamentais que entendo como complementares: o *conceito de natureza humana*, que passou por uma profunda revisão no início da Modernidade, em consequência da descoberta do Novo Mundo e de novas culturas; e a *crise pirrônica*, que Popkin identificou como definindo o novo contexto e levando, em seus desdobramentos, à formação do Ceticismo Moderno e à formulação da dúvida moderna.

O Ceticismo Moderno pode ser entendido com base nessa revisão do conceito de natureza humana a partir de três ordens independentes, mas que se articulam na reformulação desse conceito. A primeira, a que denomino *argumento antropológico*, resulta do impacto do descobrimento do Novo Mundo e dos povos aí encontrados quanto ao questionamento da concepção universalista de natureza humana, herdada da tradição clássica greco-romana e cristã. A segunda é o *argumento do conhecimento do criador*, que consiste em uma autêntica inversão do critério de validade do conhecimento que vigorava no pensamento antigo, abrindo espaço para a epistemologia moderna. E a terceira é o *problema do insulamento*, questão metodológica que leva à discussão sobre como relacionar a filosofia e a experiência comum dos seres humanos, procurando redefinir e delimitar o sentido e o alcance de dois conceitos fundamentais do Ceticismo: a suspensão do juízo, na Antiguidade, e a dúvida, no pensamento moderno.

Não traçarei uma história abrangente do Ceticismo Moderno nem tampouco tecerei uma introdução a esse pensamento. A ideia é, antes, explorar alguns dos temas dessa filosofia que consideramos centrais e que têm sido pouco examinados em seus vários desdobramentos. Por isso alguns filósofos importantes do período não serão abordados, como Pierre Bayle, George Berkeley e David Hume, nem serão analisados certos detalhes da distinção entre Ceticismo Acadêmico e Ceticismo Pirrônico, terreno bem coberto por especialistas.

Minhas reflexões se desenvolveram a partir de alguns interlocutores privilegiados, entre os quais Richard H. Popkin, que primeiro me apontou a

importância do Ceticismo e formulou um verdadeiro programa de pesquisa nessa linha, Oswaldo Porchat, nosso grande pensador cético, Ezequiel de Olaso, José Raimundo Maia Neto, Luiz Bicca, Renato Lessa, Luiz Eva, Plínio Junqueira Smith, Telma Birchal, Sébastien Charles, Frédéric Brahami e, principalmente, meus alunos, cujo interesse e cujas questões me animaram a levar adiante estas análises.

Este livro retoma, articula e consolida uma pesquisa que venho desenvolvendo há mais de vinte anos e que tenho apresentado em cursos, palestras e em algumas publicações especializadas. Minha intenção foi sobretudo estabelecer um fio condutor que nos levasse da retomada do Ceticismo Antigo no século XVI, através de algumas de suas ramificações, até a questão da relevância da filosofia cética no período contemporâneo.